



Data: 18.10.2025

Título: Morreu António Borges Coelho, historiador e antifascista

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;41

1928-2025 Morreu António Borges Coelho, historiador e antifascista

Tinha 97 anos e deixa obras fulcrais sobre a Inquisição e a ocupação islâmica do que viria a ser Portugal. Morreu de pneumonia **Cultura, 41**

Área: 683cm² / 36%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 8210622



Data: 18.10.2025

Título: Morreu António Borges Coelho, historiador e antifascista

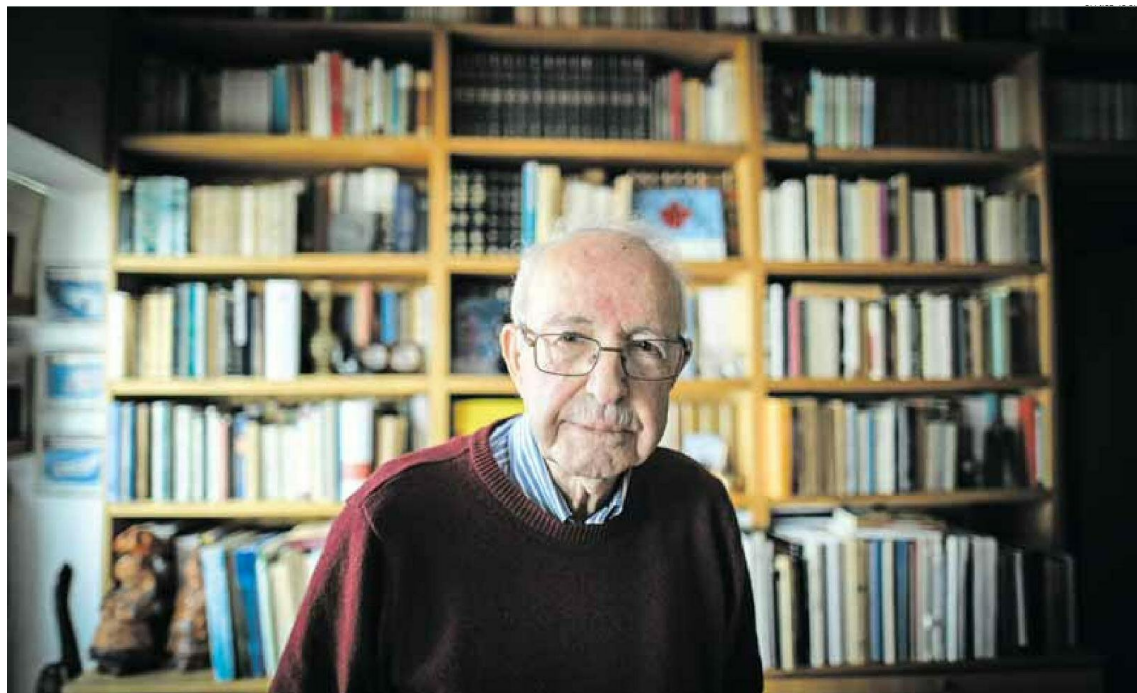
Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Cultura

Pág: 1;41



Historiador e antifascista fundamental

Obituário

Daniel Dias

António Borges Coelho (1928-2025) Deixa obras fulcrais sobre a Inquisição portuguesa e a ocupação islâmica

Autor de importantes obras sobre a Inquisição portuguesa e a ocupação islâmica daquele que viria a ser o território português, o historiador, poeta e ficcionista António Borges Coelho estava a viver no lar Associação de Solidariedade Social dos Professores, em Carcavelos, e morreu ontem de pneumonia, cerca de um mês após ter contraído o vírus da covid-19, confirmou ao PÚBLICO o director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL), Hermenegildo Fernandes, que obteve a notícia junto da sobrinha de António Borges Coelho.

Portugal na Espanha Árabe (1972-1975), obra que reúne crónicas, tratados geográficos e outros textos árabes sobre a ocupação muçulmana da Península Ibérica, foi um trabalho “decisivo

para toda uma nova geração de historiadores”, afirma o director da FLUL, onde Borges Coelho estudou (concluiu a licenciatura em Ciências Histórico-Filosóficas em 1967) e foi mais tarde professor catedrático jubilado. “Os medievalistas portugueses costumavam trabalhar, quase exclusivamente, com documentos cristãos. António Borges Coelho e A. H. de Oliveira Marques são aqueles que, de forma sistemática, e mais ou menos ao mesmo tempo – Oliveira Marques estava então a trabalhar no primeiro volume da sua *História de Portugal* –, começaram a trabalhar com fontes históricas árabes.”

“Do ponto de vista científico, há um antes e um depois” de *Portugal na Espanha Árabe*, considera Santiago Macias, director do Panteão Nacional. Este historiador e arqueólogo prossegue: “Foi/é uma obra pouco canónica – tenho dúvidas de que hoje passasse no sistema de arbitragem científicas... – e que escapou à lógica rígida da Academia. Mas teve a enorme vantagem de lançar o encantamento da civilização islâmica peninsular sobre várias gerações. Nesse grupo me incluo. E muito, mesmo muito, lhe devo.”

“Foi um homem apaixonado pela História e pela Filosofia, que até ao fim teve presente a dimensão cívica e a importância da luta pela dignidade do Ser Humano”, acrescenta Santiago Macias no comentário escrito enviado ao PÚBLICO. “Muitas vezes me falou com enorme ternura dos tempos de luta política activa e dos laços que, para sempre, conservou com os camaradas do PCP [Partido Comunista Português]”, do qual foi militante. Hermenegildo Fernandes chama-lhe um “preso político clássico”: após uma temporada exilado, passou pelos cárceres de Aljube e Peniche. “Recusou-se a sair” aquando da “famosa fuga” de Álvaro Cunhal: não queria “ficar impedido para sempre (era o que se pensava e temia na altura) de voltar a Portugal”.

“O seu passado de combate político acaba por ter influência nas suas escolhas historiográficas”, continua o reitor, lembrando o livro *A Inquisição em Évora* (1987), resultado do seu doutoramento em História Moderna, feito na FLUL. Um projecto “autobiográfico”? “Ele estava a estudar pessoas que tinham sido aprisionadas por delitos de fé. O dele fora um delito

político. No final de contas, é a mesma coisa: um delito de convicção.”

O próprio Borges Coelho já o dizia ao PÚBLICO, em 2018: “Sem a prisão e a preocupação pelas minorias, eu não teria ido para História, embora já viesse de uma atitude revolucionária, a olhar para os oprimidos.” Na mesma ocasião, contava, por exemplo, como leu *O Manifesto do Partido Comunista* “como quem lê um poema”.

Foi no Forte de Peniche que se casou com Isaura Borges Coelho, também ela uma resistente antifascista que a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) prendeu e torturou. A peculiar cerimónia decorreu nos primeiros dias de 1959 (António Borges Coelho era já funcionário do PCP quando foi detido, em 1957).

Nessa altura, na alta segurança, estavam dois presos: o Álvaro Cunhal e o Rogério de Carvalho. E cheguei com mais três companheiros”, contava, recordando a sua entrada em Peniche. “Havia uma hora para escrever à família e um momento em que podíamos estar os seis. Quando isso acontecia, havia um guarda; perguntávamos-lhe se

podíamos perguntar qualquer coisa a outro. Ele pedia-nos para aguardar ou dizia simplesmente que não. (...) Havia uma hora de recreio, quando não estávamos castigados ou não estava a chover. Nessa hora, podíamos falar, mas o guarda ia no meio e dizia: ‘Fale mais alto que eu também quero ouvir.’”

Historiador com “um interesse difícil de encapsular numa só temática”, como diz Hermenegildo Fernandes, assinou “trabalhos de grande importância sobre a história da expansão portuguesa” (o livro *Raízes da Expansão Portuguesa*, de 1964, chegou a estar proibido, como escreve a agência Lusa). A sua *História de Portugal*, a “última História de Portugal de grande âmbito de um só autor”, escreveu-a em sete volumes, o último dos quais, *Portugal na Europa das Luzes*, foi publicado pela Caminho, que editou grande parte da sua bibliografia, em 2022.

“A obra dele não tem o academismo de que por norma sofre a historiografia. Tinha uma linguagem viva que era muito admirada por quem o lia”, considera, ao telefone com o PÚBLICO, o editor Zeferino Coelho, ligado desde o início à editora que ainda no mês passado publicou *Poemas*. “A sua escrita nesse livro é muito marcada pela sua actividade política, mas não é propriamente uma escrita panfletária, há um lirismo marcado e uma elegância formal que muitas vezes estes poemas não têm”, diz.

Influenciado pelo marxismo, “gostava de contar a História estando muito próximo das personagens, dos actores históricos”, afirma Hermenegildo Fernandes. “O historiador, às vezes, abstrai-se dos indivíduos. Borges Coelho deu sempre muita atenção às pessoas, aos estudos de caso.”

Nascido em Murça a 7 de Outubro de 1928, recebeu, 90 anos depois, um prémio de carreira, atribuído pela Universidade de Lisboa. *Comunas ou Concelhos?* (1973), *Fortaleza* (1974), *No Mar Oceano* (1981), *Questionar a História* (1983), *História e Cifras da História* (2021) e *Espinosa e Leibniz* (2023) são outros títulos da sua bibliografia. *Crónicas e Discursos*, de 2023, reúne diferentes intervenções públicas ao longo dos anos, desde artigos saídos na imprensa a discursos. No que concerne à poesia, escreveu *Roseira Verde* (1962), *Ponte Submersa* (1969) e *Ao Réis da Terra* (2002), por exemplo. Recebeu a Grã-Cruz da Ordem da Liberdade em 2018. As cerimónias fúnebres realizam-se depois de amanhã, no Centro Funerário de Alcibideche, Cascais. O corpo estará em câmara ardente a partir do meio-dia; seguir-se-ão a cerimónia de homenagem, a partir das 16h30, e a cremação, às 18h.

com Lusa